

NOSSOS TALENTOS

Foram quatro anos de estágio na Unidade e três concursos prestados antes de entrar na Embrapa. Em 2010, o pesquisador Alexandre Berndt finalmente passou a pertencer ao quadro de empregados da Embrapa Pecuária Sudeste. Tendo já passado pela fazenda de 1998 a 2001, o colega começou a trabalhar a todo vapor, completamente integrado. Hoje, quase três anos depois, Alexandre é um dos membros da rede Pecuária, um grande projeto de pesquisa liderado pela pesquisadora Patrícia Anchão.

O contato com o campo veio da infância. Criado em São Paulo, capital, filho de um professor da USP, era comum passar os fins de semana e as férias no sítio da família no sul de Minas. Alexandre conta ter sido uma criança curiosa, um “pequeno cientista”, daqueles que coletam insetos e sapos para “investigação”. Seguindo esta vocação, sua primeira graduação foi em biologia, na USP.

Desde o princípio, o pesquisador se envolveu no ambiente acadêmico-científico, participando de projetos de iniciação científica. Na primeira metade da década de 90, estudou as abelhas indígenas sem ferrão como indicadoras de poluição. Já caminhava para temas ligados à sustentabilidade, mas mudou de rumo porque não via utilidade prática na época.

Justamente porque fazia questão de aplicar a teoria, Alexandre fez mais uma faculdade, agronomia, na Esalq. Após estágios em zootecnia, começou sua primeira experiência na Unidade em 1998, orientado pelo pesquisador Pedro Franklin. O jovem estagiário preparava os tourinhos Canchim para exposições nacionais, o que incluía dar banho e levá-los pelo cabresto para passear. Hoje, curiosamente, a medição de metano no Pecuária exige a colocação de um cabresto no animal, acoplado à canga. “Nunca imaginei que usaria esse conhecimento de domar um animal com cabresto num projeto de pesquisa”.

Em 1999, ele voltou à fazenda, como estagiário de mestrado do pesquisador Geraldo Maria da Cruz. Desta vez, o trabalho era com cruzamentos de tourinhos no confinamento, um grande projeto da Fapesp com duração de três anos. Enquanto isso, Alexandre morou na colônia e aproximou-se dos colegas da Unidade.

No doutorado, o pesquisador se afastou da Embrapa e foi estudar ruminantes silvestres no Parque Nacional das Emas, em Goiás, procurando uma ligação entre produção animal e meio ambiente.

Buscando experiência fora do mundo acadêmico, Alexandre se aventurou na iniciativa privada. Durante dois anos, trabalhou como gestor ambiental na Mitsubishi, em Catalão (GO), trabalhando inclusive com emissão de gases. Mas o sonho de ser pesquisador falou mais alto, e em 2005 ele foi aprovado para o cargo na Apta, em Andradina (SP).

Assim que chegou, o colega já sabia que queria trabalhar com emissões de metano ruminal. “Sempre tive esse viés ambiental, pensava que a pecuária também deveria tomar esse rumo da sustentabilidade”, lembra. Mas havia poucas informações no Brasil sobre as técnicas de medição.

Alexandre procurou a Unidade novamente, em busca dos conhecimentos pioneiros do pesquisador Odo Primavesi. “Recordo como se fosse hoje dos momentos de treinamento no porão do prédio técnico, nós encurvados e apertados pelo espaço. Odo tinha paixão por ensinar, foi muito paciente”.

Os experimentos com metano continuaram quando Alexandre foi transferido para o Instituto de Zootecnia, em Nova Odessa. Nesse período, ele acompanhou as reuniões que deram origem à Pecuária, em 2008 e 2009.

Finalmente, no terceiro concurso prestado para a Embrapa, veio a aprovação. Com a aposentadoria de Odo, a Unidade precisava de um pesquisador especialista em gases de efeito estufa. Foi a combinação perfeita.

Desde então, o pesquisador tem focado seus esforços neste tema. Para isso, não pensou duas vezes antes de enviar diversos e-mails a especialistas no mundo todo. Assim, acabou se convertendo, ele mesmo, em uma das referências na área.

Tanto que, em junho, participará como palestrante do principal congresso internacional de gases de efeito estufa e agropecuária, o GGAA, na Irlanda. “A Embrapa me permitiu ser mais eficiente neste trabalho com metano, aqui tenho condições de ampliar e explorar ao máximo os meus conhecimentos”, resume.



Foto: Larissa Morais